

A relação entre língua e cultura

por Natália Becattini | 19 de julho de 2016

Em tupi, o verbo não indica o tempo, mas há o tempo do substantivo. Quem explica é o linguista Sérgio Freire, em uma postagem curta em seu perfil de Facebook. Segundo ele, os sufixos “rama” (o futuro) e puêra (o passado) são acrescentados aos nomes para indicar o que já foi e o que está por vir. Na Amazônia, uma tribo que usa o idioma pirahã não possui palavras para contar e o próprio conceito de números é inexistente.

Talvez pensar em como essas sociedades podem ser funcionais sem alguns dos conceitos que pra gente são tão básicos e fundamentais, como o tempo verbal e os números, pode dar um nó na nossa cabeça. Todo nosso raciocínio e estrutura de pensamento são moldados por nossa língua e fica até difícil imaginar como é possível que seja de outra forma. “É um belo exemplo de como as línguas recortam o mundo de forma diferente: em tupi, o movimento no tempo é o movimento das coisas. Lindo isso, não?”, acrescenta Sérgio Freire em sua postagem.

A língua é a expressão da mente. Ela é a base que utilizamos para elaborar nosso pensamento e para nos expressarmos. Se deixamos de olhar para um indivíduo e encaramos um grupo social mais amplo, é fácil observar a relação entre o idioma e a cultura. Durante uma aula do mestrado, o professor de Divulgação Histórica, Arqueológica e Cultural no Jornalismo de Viagens perguntou à turma por que eles acreditavam que os catalães e os bascos, mesmo depois de tanto tempo incorporados à Espanha, ainda possuíam uma identidade tão forte enquanto grupo cultural. “Porque eles ainda carregam a língua”, respondeu. Isso explica, por exemplo, a perseguição que sofreram os dois idiomas durante a ditadura franquista. “Mate uma língua e você mata uma cultura”, afirmou.

Em uma palestra do TED, o economista comportamental Keith Chen mostra como as sociedades que falam idiomas que possuem uma forma verbal específica para expressar o futuro possuem uma tendência a poupar menos que as sociedades nas quais o futuro é expresso pela mesma forma verbal que o presente. Segundo ele, ao mudar o verbo, separamos o presente do futuro, ao contrário das outras sociedades nas quais os dois tempos são vistos como parte de um mesmo plano.

https://www.ted.com/talks/keith_chen_could_your_language_affect_your_ability_to_save_money

A língua não apenas influencia nosso comportamento, mas também define as categorias e distinções que são importantes para aquele grupo. Tentar entender um conceito que não está presente no nosso idioma pode ser um verdadeiro exercício mental. Não é à toa que palavras consideradas sem tradução são realmente difíceis de serem explicadas em outras línguas: o máximo ao que podemos chegar são significados parciais. Os significados completos ficam perdidos no ar.

A forma como falamos pode até mesmo afetar nossas habilidades cognitivas. Qualquer criança pormpuraaw, uma pequena comunidade aborígine na Austrália, é capaz de apontar o norte sem muitos problemas, ainda que esteja em um ambiente desconhecido. Isso porque, em sua língua, não há palavras para indicar a localização

relativa de objetos, como direita e esquerda. Tudo ali é indicado por meio da localização absoluta. A mesa está à leste da cadeira. O copo fica ao norte do prato. Há estudos que mostram ainda que as sociedades em que a língua não faz distinção de gênero ou aquelas em que essa distinção é menos marcante tendem a ser mais igualitárias que as que possuem uma forte distinção, como as línguas latinas.

Mas, afinal, é a língua que influencia a cultura ou a cultura que influencia a língua? A pergunta parece ser do gênero “o que nasceu primeiro, o ovo ou a galinha?”. Uma se ampara na outra e juntas constroem e alteram a dinâmica social. Seja qual foi a primeira a influenciar a outra, a verdade é que, para aprender um idioma, não basta apenas decorar as regras gramaticais e ter um bom vocabulário. É preciso também aprender a cultura.

Disponível em

<https://www.360meridianos.com/2016/07/relacao-entre-lingua-e-cultura.html>

O idioma que você fala altera a sua percepção do tempo

Guilherme Eler

Superinteressante. 10 maio 2017, 19h19

Sim, o tempo é relativo. E um novo estudo indica que ele pode depender, inclusive, da língua que você fala

A língua que falamos molda a forma como enxergamos as coisas. Cada idioma tem seus recursos e expressões, e isso tudo pode contribuir para que uma mesma situação ganhe interpretações diferentes. Ao comentar sobre o pouco tempo que tem de almoço, por exemplo, uma pessoa que fala inglês ou sueco provavelmente utilizaria o termo “pausa curta”. Para *hispanohabla*ntes e gregos, porém, o momento seria descrito como uma “pequena pausa”.

Essas variações na linguagem, segundo um estudo publicado no *Journal of Experimental Psychology*, podem influenciar na percepção que cada pessoa tem sobre o tempo. E o caso mais interessante vem daqueles que falam mais de um idioma. Quem é bilíngue tem uma “chavinha” no cérebro, alterada de acordo com a linguagem que será utilizada. Para determinar essa relação, os pesquisadores analisaram um grupo de 80 voluntários, composto metade por espanhóis e metade por suecos, que foram submetidos a alguns experimentos psicológicos.

No primeiro, eles tinham de assistir a uma animação de computador que mostrava duas linhas, que cresciam a partir de um ponto. Uma delas levava três segundos para atingir o tamanho de quatro polegadas. A outra crescia até atingir seis polegadas, no mesmo tempo. Após acompanharem as cenas, os voluntários eram orientados a falar suas impressões, estimando quanto tempo as linhas levaram para atingir seus tamanhos finais.

Os pesquisadores esperavam que os suecos tivessem mais dificuldade em acertar esse tempo. E foi exatamente o que aconteceu: para eles, a linha maior teria demorado mais que a outra para chegar nas seis polegadas. Enquanto isso, espanhóis

indicaram a duração do experimento com mais precisão – independentemente do tamanho de cada linha.

O cenário mudou quando as linhas foram substituídas por recipientes que enchiam conforme o tempo – do fundo até a borda. Durante esse segundo experimento, os suecos tiveram menos problemas para identificar com precisão o quanto o processo havia demorado. Os espanhóis, no entanto, não repetiram o sucesso do primeiro caso, errando a maioria dos chutes sobre a duração. Para eles, na situação em que o reservatório terminou mais cheio, havia passado mais tempo.

De acordo com os cientistas, o observado tem relação direta com a maneira como ambas as culturas quantificam o tempo. Ou seja: é mais fácil entender a situação quando ela é mais interpretável a partir da forma como você pensa o mundo. Medir o tempo em volume ou em distância, dessa forma, seria mais vantajoso conforme a aplicação.

Por fim, um terceiro experimento recrutou 74 pessoas bilíngues, capazes de falar fluentemente espanhol e sueco. Sem o idioma para desequilibrar a disputa, os candidatos foram igualmente precisos em determinar o tempo em cada situação. Quando orientados em espanhol, com a palavra-chave “*duración*”, seu desempenho foi melhor na primeira situação. Quem ouviu as instruções em sueco, e mentalizou a palavra equivalente para duração, “*tid*”, se deu melhor observando os recipientes que enchiam.

O que tudo isso sugere é que, sob certas condições, a linguagem pode ter um peso maior que a rapidez de pensamento. Isso quer dizer que somente o fato de seus pensamentos serem em certo idioma já pode ser responsável por uma desvantagem em determinada tarefa.

A boa notícia é que aprender novas línguas significa quebrar essa barreira, nos tornando capazes de perceber nuances que não conseguiríamos antes. “Nossos resultados permitem afirmar que alternar entre linguagens em tarefas do dia a dia confere um melhor aprendizado e melhora nossa capacidade de fazer mais coisas ao mesmo tempo, além de benefícios na saúde mental a longo prazo”, pontua Panos Athanasopoulos, um dos autores do estudo, em um pronunciamento oficial

Disponível em

<https://super.abril.com.br/comportamento/o-idioma-que-voce-fala-altera-sua-percepcao-do-tempo/>

Para dizer o indizível

Sérgio Rodrigues

Folha de S. Paulo - 15.mar.2018 às 2h01

Glossário online traz palavras que nomeiam sentimentos complexos em diversas línguas

"Serendipity", ato ou capacidade de fazer descobertas felizes por acaso, é uma palavra da língua inglesa que obriga tradutores a quebrar a cabeça e gastar um punhado de vocábulos para dar conta do mesmo sentido.

No entanto, seria "serendipity" uma prova eloquente de que o inglês é uma língua mais concisa, mais expressiva, mais profunda e mais bacanuda do que a nossa, como já vi --várias vezes-- apreendido por aí?

É claro que não. "Serendipity" prova apenas que, no ramo da felicidade acidental, os angloparlantes inventaram uma palavra que dá conta de uma experiência específica. Esse tipo de condensação extrema pode ocorrer em qualquer língua. No caso do português, para ficar num só exemplo, tradutores coçam a cabeça toda vez que encontram o substantivo "cafuné".

"Ato de correr suavemente os dedos por entre os cabelos da pessoa amada." Essa (boa) definição de cafuné consta do glossário de palavras "intraduzíveis" de todo o mundo que, compilado pelo psicólogo inglês Tim Lomas, está disponível online.

Especialista em "psicologia positiva", Lomas apresenta seu trabalho como ferramenta de autoajuda na busca da felicidade, afirmando que os termos que garimpou em diversas línguas se relacionam todos ao bem-estar. Hmm, sei...

Ainda bem que a propaganda é meio enganosa. A "lexicografia positiva" do inglês não se limita ao lado solar da natureza humana e tem seu maior interesse num fenômeno linguístico fascinante, a síntese quase milagrosa de estados emocionais complexos em poucas letras --e, claro, no que essas pílulas de sentido concentrado revelam sobre as culturas que as produziram.

Às vezes a relação é tão evidente que nos induz ao clichê. O frio da Escócia está impresso na pele arrepiada da palavra "curglaff", definida como "choque revigorante de mergulhar ou entrar de supetão em água gelada". Certo sortilégio oriental ronda como uma nuvem de alfazema o árabe "tarab", isto é, "êxtase ou encantamento induzido pela música".

Há casos em que a ligação entre palavra e cultura é mais sutil. O que terá levado o sânscrito a parir um vocábulo curioso como o verbo "asteya", pequena obra-prima de precisão em negativo que significa "não roubar, abster-se de tomar o que não lhe pertence"?

E por que terá sido em japonês, e talvez apenas nele, que uma paisagem interior nebulosa como "premonição de enamoramento por alguém que se acabou de conhecer" ganhou um nome assim na lata, "koi no yokan"?

Às vezes a palavra "intraduzível" é traduzida por uma expressão composta: se o alemão tem uma facilidade pouco comum para juntar vocábulos em comboios, a versão de "Fremdschämen" vai se consolidando entre nós como "vergonha alheia".

Outras vezes, a simples importação resolve o problema: o também alemão "Schadenfreude", que carrega o sentido pouco simpático —mas bem realista— de "prazer com a desgraça dos outros", tem frequentado livremente textos escritos em inglês.

E quanto a "saudade", palavra (supostamente) intraduzível de estimação da língua portuguesa, será que Lomas a reconhece? Sim, o orgulho lusófono pode dormir sossegado. Se bem que aquele termo russo, "toska", não sei não...

[Dhttps://www1.folha.uol.com.br/colunas/sergio-rodrigues/2018/03/para-dizer-o-indizivel.shtml?loggedpaywall](https://www1.folha.uol.com.br/colunas/sergio-rodrigues/2018/03/para-dizer-o-indizivel.shtml?loggedpaywall)